

Prémio AICA 2020 – 20 de Novembro de 2021-11-19

No fim de Agosto de 2017 eu continuava a trabalhar: tinha feito uma exposição de trabalhos novos, chamada *Descrições de Imagens, I*, em Julho desse ano no Porto, e tinha pronta uma outra, diferente, para Lisboa, que viria a ser mostrada já em 2018. Os sintomas aparecidos nesse final de Agosto anunciaram mais uma doença grave, que não seria a última. Os meses seguintes, com terapias intensivas, trouxeram danos irreversíveis à minha condição física e às minhas capacidades intelectuais. Tive que parar de trabalhar. Nem sequer pude assistir, em Santiago de Compostela, à inauguração da exposição que o curador Julião Sarmiento, a quem devo tanto, tinha intitulado *Mise en Abyme*. Posso referi-la como uma curta antológica que incluía trabalhos dos anos sessenta, oitenta, noventa, dois mil, etc. – estava tudo representado menos os anos setenta. (As razões dessa exclusão foram dele, e a mim o que ele disse foi que as peças dos anos setenta seriam “demasiado conhecidas”.) A exposição tinha sido vista em Lisboa em 2016, e, para a Galiza, o Julião tinha-lhe incorporado as trinta peças da minha mostra no MAAT em 2016, *Misquoteros*. Tinha conservado para o conjunto o título de *Mise en Abyme*.

O Julião Sarmiento levar-me-ia a Santiago já em Fevereiro de 2018, e lá fui tentando responder às perguntas que os responsáveis do CGAC, e um público tudo menos hostil me iam fazendo. Foi um esforço mas lá me desembrulhei *tant bien que mal*.

Tenho que agradecer à directora do museu Arpad Szenés/Vieira

da Silva, Marina Bairrão, que em 2019 me anunciou que o Museu tinha planeado uma exposição de trabalhos meus para 2020.

Fiquei muito satisfeito, e, quando fui confrontado com os espaços previstos, marcadamente ingratos por terem reduzidas dimensões e pés-direitos baixos, cheguei imediatamente à conclusão de que, por uma questão de escala, apenas as minhas peças dos anos setenta se prestariam a ser expostas. Isto eliminava a pesquisa e o trabalho curatorial extra que exigiria uma antológica abrangendo fases diversas. Punha mesmo assim problemas de tempo, sobretudo em relação aos empréstimos institucionais, aos dois curadores que escolhi depois de recomendação do Julião Sarmiento (mais uma vez), que foram o João Mourão e o Luís Silva. Eu já os conhecia bem. E está visto que também lhes agradeço, e muito, o trabalho perfeito que fizeram. E agradeço ainda à Fundação Carmona e Costa, que se dispôs a apoiar o trabalho dos curadores e a produção do catálogo. Esta deve-se ao Manuel Rosa e à Sistema Solar – e aqui vai mais um agradecimento. E ainda mais um à Catarina Rosendo, que a convite dos curadores se prestou a escrever uma elegante introdução, na qual soube conservar a distância com um encolher de ombros ainda mais elegante.

O prémio da secção portuguesa da AICA para as artes visuais é um prémio de carreira, mas, regulamentarmente, deve encontrar suporte e pretexto numa manifestação concreta. No meu caso, além dos meus setenta e oito anos, a manifestação concreta foi essa exposição: os meus *Anos Setenta*. Não deixa de ser irónico, se bem que talvez apenas um dos muitos sinais das mudanças das coisas e

dos efeitos do tempo, que (depois dos anos sessenta, em que fui apapricado pelos cronistas) os anos setenta tenham sido para mim um inferno crítico, em que recebi por causa dos trabalhos que ia fazendo toda a espécie de epítetos, quando não insultos: retrógrado, tolinho, figurativo, ignorante, pateta alegre, colonialista, reaccionário, perfeitozinho, copião, desenhista, ilustrador – a bem dizer, ouvi e li de tudo. E não estou a contar, é claro, com o que então se ia dizendo sem eu ouvir. Mas a crítica partilha com o cidadão comum a característica de só poder pensar com o que sabe, ou de só saber pensar a partir do que conhece. Posso dizer que, pelo fim da década, a pressão era quase insuportável, e estou perto de poder afirmar que foi em pequena parte por causa dessa pressão que, como se costuma dizer, “mudei de fase” por volta de 1980.

Esta é uma das razões pelas quais estou pasmado mas gratíssimo com a decisão de um júri formado por pessoas de outra geração e maioritariamente composto por mulheres. Isto não é insignificante, já que “machista” era, a par com “protofascista” e “racista”, uma das acusações que era costume fazerem-me. Suponho que não se tratará aqui, cinquenta anos depois, de uma melhor ou maior aceitação do machismo, ou do racismo, ou seja do que for. É seguramente uma melhor compreensão daquilo a que se chama ironia. Ou daquilo, mais pesado, a que se chama sarcasmo. Mas faz parte das regras do jogo que quem usa a ironia não possa estar ao mesmo tempo a explicar que está a usá-la. E o mesmo vale para quem está a ser sarcástico. Parece ainda que estes cinquenta anos podem ter ajudado a esbater o preconceito nacional contra o

jocosos, ou contra o cómico, que decretava que só o que era “sério” e bem sério poderia ter aceitação e ser encarado como arte, já para não falar em arte com “A” grande.

Apenas uma nota final: todos os presentes sabem bem que, mesmo nos tempos que correm, este premiado é um dos artistas portugueses com pior fortuna e reputação críticas, tanto no que podemos chamar a opinião média, que na melhor das hipóteses lhe granjeava às vezes uma condescendência mais ou menos divertida, como num dos seus extremos, no qual a própria qualidade de “artista” lhe é negada. Parto do princípio, pelo menos durante esta sessão, de que factos conhecidos como este testemunham, em conjunto com a atribuição do prémio, daquilo a que se pode chamar o pluralismo da crítica, e a multiplicidade de opiniões daqueles e daquelas que exercem a crítica. Para não falar da pluralidade de opinião que por vezes podemos encontrar numa mesma carreira crítica. Como se diz, tudo é mudança.